



PRÁTICA DE BULLYING E VIOLÊNCIA FÍSICA QUANTO A RAÇA/COR ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES BRASILEIROS

Marcos Ryan Loiola Lima¹
Anne Giselly da Silva Sousa²
Guilhermi da Silva Maia³
Pedro Lucas Ferreira Mota⁴
Maria Rocineide Ferreira da Silva⁵
Lucas Dias Soares Machado⁶

INTRODUÇÃO

A prevalência do bullying e violência física entre os adolescentes escolares ainda é um grave problema no Brasil, ao passo que a cada quatro desses indivíduos, um sofre dessa realidade (MALTA *et al.*, 2022). Nesse contexto, há grandes prejuízos para os adolescentes envolvidos, podendo gerar um ciclo de violência e trazer repercussões psicológicas, físicas e na educação do escolar. Além disso, no panorama atual, o bullying é estendido devido à internet, fazendo com que a violência perdure em ambientes em que ele deveria se sentir seguro (TORDJMAN, 2022).

Inseridos em uma sociedade pautada na hierarquização do ser humano, a prática de bullying e violência física por escolares está direcionada a alvos que compõem um ponto inferior nessa hierarquia, ou aqueles com características que se distinguem do padrão social estabelecido (SANTOS *et al.*, 2022). Nesse âmbito, dentre os fatores associados à vítima desse processo, encontra-se o elemento raça/cor como uma das principais justificativas, enfatizando a existência da intolerância à diversidade no contexto do escolar (MALTA *et al.*, 2022).

No atual panorama, entender os determinantes sociais ligadas a ocorrência dessas violências é essencial (MALTA *et al.*, 2022). Portanto, delimitar os fatores associados a esse processo de violência é fundamental na aquisição de ferramentas que combatam-no, assim, podendo dar espaço para a construção de espaços seguros e baseados em princípios humanos.

Neste sentido, o fomento a espaços saudáveis e seguros que respeitem e acolham os indivíduos em suas singularidades e combatam preconceitos é defendido na Política Nacional de Promoção da Saúde. Esta traz dentre os objetivos a necessidade de atuar frente as iniquidades, com respeito as diferenças sociais, incluindo àquelas relacionadas a raça e etnia. Para tanto, é necessário conhecer as nuances envolvidas na subjetividade do indivíduo e do coletivo (BRASIL, 2017). Sendo assim, objetivou-se analisar os fatores associados ao bullying quanto a raça/cor entre adolescentes escolares brasileiros.

MÉTODO

1 Estudante de graduação em Enfermagem. Universidade Regional do Cariri, e-mail: marcos.ryan@urca.br

2 Estudante de graduação em Enfermagem. Universidade Regional do Cariri, e-mail: annegiselly.sousa@urca.br

3 Estudante de graduação em Enfermagem. Universidade Regional do Cariri, e-mail: guilhermi.maia@urca.br

4 Estudante de graduação em Enfermagem. Universidade Regional do Cariri, e-mail: pedro.lucas@urca.br

5 Enfermeira, doutora em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Ceará, rocineide.ferreira@uece.br

6 Enfermeiro, mestre em Enfermagem, Universidade Regional do Cariri, lucas.machado@urca.br



XVI SEURCA



"O protagonismo da enfermagem na promoção da saúde e sustentabilidade de populações em situação de vulnerabilidade."

09 a 12 de maio de 2023

Estudo transversal, com abordagem quantitativa, realizado em todos os estados brasileiros, no ano de 2019, a partir dos microdados secundários, de domínio público, oriundos da Pesquisa Nacional de Saúde do escolar – PeNSE. A edição de 2019 da PeNSE contemplou aproximadamente 188.000 estudantes, de 13 a 17 anos, matriculados em escolas públicas e privadas do Brasil. A PeNSE é realizada pelo Ministério da Saúde (MS), em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE) e o Ministério da Educação (MEC).

A PeNSE realiza uma seleção planejada de escolares para fornecer resultados representativos do país, a fim de fornecer informações sobre as características socioeconômicas, contexto social e familiar do escolar (IBGE, 2021). Dentre a população total, foi selecionado uma amostra de 2124 escolares que declararam ter sido vítimas de bullying devido sua raça/cor, desfecho de interesse desse estudo.

Foram analisadas as variáveis independentes: raça/cor, sexo, idade, região geográfica, localização escolar, dependência administrativa e série/turma escolar. Para além disso, foram interpretados indagações sobre a relação familiar, relações interpessoais com colegas de sala, situações violência verbal e situações de violência física.

Os dados foram organizados em planilhas do Microsoft Office Excel 2016 e processados no Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) versão 25. Utilizou-se de análise descritiva, a partir de medidas de frequência absoluta e relativa, e inferencial, a partir do teste Qui-quadrado de Pearson. A escolha do teste adequou-se frente a ausência de distribuição normal dos dados detectada pelos testes de Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilk. Utilizou-se o limite de 0,05 para atestar a significância dos testes.

A pesquisa seguiu os preceitos éticos e legais da resolução nº 466 do Conselho Nacional de Saúde, com aprovação por meio do Parecer CONEP n. 3.249.268.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na amostra analisada prevaleceram as práticas de bullying decorrente da raça/cor direcionada a adolescentes pretos (908; 42,7%), do sexo masculino (1368; 64,4%), com idade entre 13 e 15 anos (1106; 52,1%) e residentes na região nordeste (735; 34,6%). Quanto as questões escolares, a maioria estudava em escolas na zona urbana (1865; 87,8%), de administração pública (1540; 72,5%) e cursava o 7º ano (551; 25,9%).

Reconheceu-se diferenças estatisticamente significativas entre a relação das vítimas de bullying por raça/cor e as variáveis sociodemográficas. Adolescentes do sexo masculino apresentaram mais chances de sofrer bullying devido a sua raça/cor ($\chi^2(2)=210,658$; $p<0,001$), assim como aqueles com idade entre 13 e 15 anos ($\chi^2(4)=33,037$; $p<0,001$), residentes da região Nordeste ($\chi^2(4)=71,811$; $p<0,001$) e de raça/cor preta ($\chi^2(6)=2660,188$).

Quanto as variáveis escolares, apresentaram mais chances de sofrer bullying por conta de sua raça/cor os adolescentes de escolas públicas ($\chi^2(1)=391,919$), em curso do 7º ano do ensino fundamental ($\chi^2(10)=69,855$; $p<0,001$) e da zona urbana ($\chi^2(1)=221,970$; $p<0,001$).

Tais dados vão ao encontro de dados da edição anterior do PeNSE (2015), na qual observou-se que existe um maior percentual de bullying em relação a minorias étnicas, numa análise proporcional. De modo semelhante, o sexo masculino também é referido com maior ocorrência de bullying, se comparado ao público feminino de escolares. Além disso, nota-se uma predominância maior da ocorrência desse fenômeno com séries escolares iniciais, denotando maior vulnerabilidade dessa população mais nova (SILVA *et al.*, 2018).



XVI SEURCA



"O protagonismo da enfermagem na promoção da saúde e sustentabilidade de populações em situação de vulnerabilidade."

09 a 12 de maio de 2023

Diante dessa situação, é notório a persistência ao longo dos anos desse padrão de iniquidades. Cabendo ressaltar que, medidas estruturais podem não ser suficientes na mediação das relações interpessoais em que os escolares estão inseridos, sendo necessário um entendimento dos fatores implícitos e explícitos que se relacionam com esse processo de segregação (SIMON-KUMAR *et al.*, 2022).

Cabe ressaltar que o bullying e a violência física podem se fazer presente em ambas as dependências administrativas, mas situações de ameaças, empurrões, agressões, físicas e abusos de ordem sexual foram mais relatadas em escolas públicas. Conquanto, para o contexto desse estudo deve-se levar em consideração o maior número de pessoas de raça/cor preta nas instituições de ensino públicas em comparação as particulares (AGUIAR; BARRERA, 2017).

A maioria dos adolescentes relatou que, nos últimos 30 dias, sua mãe, pai ou responsável nunca demonstraram entender seus problemas e preocupações (518; 24,4%; $p < 0,001$) e que as vezes os colegas de escola os trataram bem e/ou foram prestativos (567; 26,7%; $p < 0,001$).

Nessa perspectiva, é cabível ressaltar a importância da presença da família na vida dos escolares, tendo em vista que o maior conhecimento sobre a importância do olhar atento sobre necessidades de seus filhos e capacidade de auxílio, está ligado ao menor índice de bullying e violência. Ademais, sobre as relações interpessoais entre os escolares, nota-se que a maioria das vítimas desse processo de violência relatam o sentimento de solidão e não consideram ter amigos no ambiente (SILVA *et al.*, 2018).

Neste estudo, identificou-se que 55,6% dos adolescentes foram esculachados, zoados, intimidados ou caçados por seus colegas de escola ao ponto de sentirem-se magoados, incomodados, aborrecidos, ofendidos ou humilhados (1182; $p < 0,001$). Entretanto, a maioria dos casos nunca chegou a consolidar-se em violência física (1411; 66,4%; $p < 0,001$). 33% (702) afirmou já ter sido vítimas de violência física devido a sua raça/cor.

Concomitantemente, esse cenário de violência se repete, como em Aguiar e Barrera (2017) em que a quantidade de vítimas dessas agressões verbais se destaca. Claramente, toda essa situação repercute na saúde dos indivíduos, observando uma prevalência de quadros de insônia nessas vítimas, podendo acarretar um prejuízo escolar na assiduidade desses indivíduos (AGUIAR; BARRERA, 2017).

O bullying apresenta-se como problema complexo, multifacetado e com determinação social sobre a saúde. Neste sentido, este estudo coaduna com o trabalho do enfermeiro ao contextualizar suas ações para promoção da saúde do adolescente, despertando para o eixo cultura de paz, comum na Política Nacional de Promoção da Saúde e nas proposições do Programa Saúde na Escola.

A abordagem ao bullying demanda então um olhar interdisciplinar e intersetorial, capaz de atentar-se as necessidades dos adolescentes e, deste modo, intervir sobre elas. Para além, considerar questões relacionadas ao racismo implica no olhar decolonial sobre a sociedade brasileira, compreendendo a sua formação e constituição heterogênea e valorizando a riqueza dos seus povos.

Recomenda-se, pois, que o debate sobre bullying e racismo seja fomentado no ambiente escolar, em especial em articulação com outros setores, tais como a saúde, assistência social e segurança pública. Podem ser benéficas as ações apoiadas na educação popular e/ou com uso de tecnologias atuais, para proposições mais efetivas e adequadas a realidade.

CONCLUSÃO



Diante do exposto, possibilitou-se uma compreensão mais ampla à respeito dos fatores associados ao bullying e violência física quanto a raça/cor entre adolescentes escolares brasileiros. Esse tipo de bullying predominou em escolares pretos, do sexo masculino, matriculados em escolas públicas, cursando a 7ª série, com idade entre 13 e 15 anos, residentes em zona urbana e na região Nordeste.

Além disso, observou-se a predominância de agressões verbais no contexto em questão, mas com um percentual considerável de agressões físicas (33%). Indubitavelmente, esses dados são preocupantes, principalmente quando levado em consideração que a família não foi referenciada como um centro de apoio para esses indivíduos e os colegas escolares são citados como não muito acolhedores quanto a essas questões de violência.

Destarte, é inegável a necessidade de intervir diretamente nesse processo de bullying e violência física, com estratégias multiprofissionais e intersetoriais. Para além disso, é preciso buscar englobar as especificidades do coletivo e do individual que está envolvido nesse panorama, a fim de promover saúde para essa população de maneira equitativa.

Por fim, a ausência de análises que investigassem o tamanho do efeito de influência de cada variável sobre o desfecho pode apresentar-se com uma fragilidade. Nesse sentido, estudos de regressão, com modelagens por equações estruturais e inteligência artificial manifestam-se como possibilidades para novos estudos sob este fenômeno. Ademais, destaca-se que a PeNSE direciona seu olhar para adolescentes escolares, não podendo estender-se a todo o público nesta faixa etária.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, L. G. F; BARRERA, S. D. Manifestações de Bullying em Diferentes Contextos Escolares: um Estudo Exploratório. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. 3, p. 669 – 682, set. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703002922016>. Acessado em: 04 de maio 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política Nacional de Promoção da Saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017.

IBJE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde do escolar**. Brasília, DF: IBJGE, 2013.

MALTA, D. C; OLIVEIRA, W. A; PRATES, E. J. S; MELLO, F. C. M; MOUTINHO, C. S; SILVA, M. A. I. Bullying entre adolescentes brasileiros: evidências das Pesquisas Nacionais de Saúde do Escolar, Brasil, 2015 e 2019. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, v. 30, e3679, maio 2022. DOI: 10.1590/1518-8345.0000.3874. Acessado em: 02 de maio de 2023.

SANTOS, I. H. F; FELIZMINO, T. O; SANTOS, K. D. A; SILVA, J. P. Bullying escolar: com a palavra, o professor. **Arquivos brasileiros de psicologia**, Rio de Janeiro, v. 74, e004, out. 2022. DOI: <http://doi.org/10.36482/1809-5267.ARP-2022v74.19467>. Acessado em: 03 de maio de 2023.

SILVA, J. L; MELLO, F. C. M; OLIVEIRA, W. A; PRADO, R. R; SILVA, M. A. I; MALTA, D. C. VITIMIZAÇÃO POR BULLYING EM ESTUDANTES BRASILEIROS:



RESULTADOS DA PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE DO ESCOLAR (PENSE). **Texto Contexto Enferm.**, v. 27, n. 3, e0310017, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072018000310017>. Acessado em: 04 de maio de 2023.

SIMON-KUMAR, R; LEWYCKA, S; CLARK, T. C; FLEMING, THERESA; PEIRIS-JOHN, R. Flexible resources and experiences of racism among a multi-ethnic adolescent population in Aotearoa, New Zealand: an intersectional analysis of health and socioeconomic inequities using survey data. **The Lancet**, v. 400, p. 1130 – 1143, out. 2022. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(22\)01537-9](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(22)01537-9). Acessado em: 04 de maio de 2023.

TORDJMAN, S. School bullying and group violence: How to occupy a place in the group by exclusion. **Revista Encephale**, v. 48, n. 1, set. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.encep.2022.08.002>. Acesso em: 03 de maio de 2023.